

O EVANGELHO: IMPASSE OU NOVO CHAMAMENTO

Texto de Abimael Etz Rodrigues

Passagens Bíblicas: Mat. 10:39-44 e Lucas 12:49-53

Não me parece que o diálogo de Jesus Cristo na corte de Pilatos fosse em tom suave e manso, João me sugere ter sido uma altercação áspera encerrada com a pergunta de Pilatos: "Que é a Verdade?" Ou Cristo não respondeu intencionalmente, ou não lhe foi dado chance para o prosseguimento da conversa.

Dois fatos no entanto, ficaram evidenciados na conversa: Que Jesus afirmou a sua realeza em termos completamente desconhecidos e impossíveis, e que a indagação a respeito da natureza da verdade tenha ficado sem resposta. Anteriormente, na intimidade dos seus amigos, quando ele abria o seu coração e falava de alma para alma, mostrou que a verdade era ele mesmo. "Eu sou a verdade e a própria vida, também o caminho, ninguém chegará ao fim último proposto por Deus senão por ele".

IMPASSE DO JUDAISMO COMO RELIGIÃO E DO HELENISMO COMO FILOSOFIA

Isto era tudo do Evangelho, as boas novas.

Desde então as coisas começaram a sentir que em suas bases o solo era mo-

vedido. Os edifícios da fé, da concepção de vida, dos termos de relacionamento das pessoas entre si e das instituições começaram a afundar e a ruir. A vida agora adquire um dinamismo de procedência estranha que lhe dá um colorido inteiramente vivo de ventura e de aventura. A tensão instaurou-se na história, no convívio humano. Nós nos tornamos conscientemente participantes do caráter criador de Deus, mas nossa criação é instável e pérfida. Dura pouco e volta-se contra nós mesmos. Toda velha construção do judaísmo ruiu ainda que sinais de sua cultura permaneçam, ainda que o testemunho de sua velha fé subjaza a nossa própria. Os acontecimentos daquele cinzento fim de semana, muito diferente dos nossos fins-de-semana, foi a pá de cal na sepultura da sabedoria grega, ainda que toda a maneira de ser de nossa mente permaneça grega. Por estranho que pareça, os homens que tentaram documentar os acontecimentos, verdadeiro cataclismo nas esferas ideacionais do ser, chamaram a esse complexo de acontecimentos e de percepção da realidade de EVANGELHO, que quer dizer em nosso português Boas Novas.

Boas Novas por quê, se toda a segurança do homem ficou aniquilada? Se toda a construção de nossas mãos é nada? Se a própria ocupação de nossas horas é como a dos homens em reduzido grupo soterrados no interior de uma mina a trançar e destrançar fios elétricos para que não percam a lucidez e suas personalidades não se desintegram na loucura? Os testemunhos dessas Boas Novas, os documentos que manipulamos, pelo menos uma vez na semana, aos domingos, nos fecham num círculo muito pequeno de desafios acima de nossas forças e nos colocam diante de opções difíceis de serem tomadas a ponto de ficarmos estáticos, imóveis, aturdidos. E as reações que temos tomado, desde aquele tempo, mesmo sob o impacto maravilhoso da ressurreição, são as mais contraditórias e incoerentes de que se tem notícia na história do comportamento humano. A afirmativa continua numa perene teimosia apostólica: O EVANGELHO É O PODER DE DEUS PARA A SALVAÇÃO DE TODO AQUELE QUE CRÊ.

O DESMORONAMENTO DAS CRENÇAS MEDIEVAIS

Todas as edificações de fé e de esperança que têm sido construídas através dos séculos sobre esse fundamento estão sendo destruídas, minadas pelas contestações de sua relevância. Como se fossem marteletes pneumáticos colossais a Reforma do século XVI foi demolindo, e ainda hoje continua, os modos, os costumes, as esperanças e os temores dos cristãos. Se não fora o aspecto político e de implicação econômica, a Reforma, não caminharia com tanta pressa como aconteceu. Os donatários da religião propiciaram condições dessa natureza que fizeram os sermões de Lutero reboar pelo mundo inteiro. Mesmo assim a adesão não foi total. Toda a realidade eclesial, ou eclesiástica mais precisamente, foi combatida e mutilada. Temos aqui mais uma vez o triunfo do Evangelho, que sendo sempre vinho novo, não se deixa conter por odres velhos.

Alguns valores teológicos permaneceram na crença dos cristãos e na motivação de sua vida: A Bíblia como a Palavra

de Deus; a salvação da alma como objetivo do sacrifício de Nosso Senhor Jesus Cristo, a oração como um grito de socorro de um filho atribulado dirigido ao Pai de misericórdia e de bondade, e a vida eterna como um dom gracioso de Deus. O inferno permaneceu numa crença dicotômica da realidade. Então a forma litúrgica e moral, as nuances teológicas se diversificaram numa nova faceta do cristianismo que é designado por evangélica ou protestante. Concluindo disto, afirmamos que a Reforma da Igreja não aconteceu, mas apenas ocorreu um cisma. Heróicos foram, sem dúvida, os sucessos do século XVI, não poucos valerosos varões fecundaram com seu sangue e com as suas lágrimas o terreno de uma outra Igreja, porém de alcance não ecumênico. Veio a paz, os acordos, as confissões, e o princípio da religião do rei, a religião do povo. Então passou-se a acreditar, os que de cá ficaram, que o Evangelho é isso — a conquista da Reforma e o que os seus mais santos e renomados filhos produziram em teologia, música, arquitetura, educação, política e economia. Agora o edifício da fé, austero e hirto, permanece em alicerces inabaláveis. A missão mais urgente é a conquista de outros povos e a penetração dos domínios da outra facção. E à nossa terra chegaram o casal Kelley, Simonton e outros, mais outros. Não quero me referir à inconsequente vinda dos pioneiros, os mártires de Villegaignon.

O DESMANTELAMENTO DA ORTODOXIA PROTESTANTE

Daqui para frente, até aos nossos dias, cada facção, ou cada grande ramo da cristandade sofreria arremetida reformista no contexto do seu evangelho particular. Se o eclesiasticismo foi ídolo a ser derribado no século XVI, agora, no bojo da fé protestante, o alvo da iconoclastia é a própria Bíblia. O livro, até então a Palavra de Deus, é dissecado pela erudição e pela crítica dos cientistas. Acende-se a polêmica acerca do Cristo histórico. O desagregamento foi semelhante ao fermento atuando na mesma. O terreno firme sobre o qual pisávamos

começa a mover-se, a trincar-se e perde a sua consistência e poder de sustentação daquele tamanho peso — a crença reformada. Uma nova ciência emergente, a psicologia, põe-se a cirandar a oração. Desilusão e desespero espiritual tendem a conduzir o povo cristão ao pânico — a oração quando muito é apenas uma catarse psicológica, espécie de liberação da ansiedade e de uma auto-psíquicoterapia.

O Evangelho fica como que uma notícia sem alegria, sem entusiasmo, sem o condão de dar ao homem tranquilidade e certeza quanto ao sentido de sua vida. Para que fique quase que a nada, falta-lhe que lhe tirem o céu, ou a vida eterna, ou a salvação, em fim. E isto não demora muito a chegar. ... se ainda não chegou.

Mas de Cristo nada têm para tirar, pois tudo "que possuía era emprestado — o pouso era emprestado", o alimento presente de amigos, a manjedoura há muito tinha devolvido. De novo dar-lhe-ão, e com violência, apenas as suas únicas coisas, "que eram somente suas — a coroa de espinhos e a cruz". E no entanto ele dissera ao representante do maior rei daqueles tempos — o César — que ele, o acusado perante Roma, que era rei e que seu reino não era deste mundo. E o seu testemunho era da verdade, para isso ali estava, para isso viera ao mundo. Ali está em sua completa pobreza, o Cristo que tem como agravante o ser confundido com os zelotes. Indefeso, o seu prestígio junto ao povo resultou em nada, os seus amigos o abandonaram.

A AMEAÇA AO QUE SOBREVIVEU A "ESPADA" E AO "FOGO"

Quem mudou o rumo da história fazendo-a desembocar nesta realidade, a Idade Moderna, que nos envolve e que nos molda? Foi a renascença, as grandes descobertas daqueles séculos, a Reforma, Descartes, a Revolução Francesa? É um complexo de fatos e de interação social muito difícil de ser desentranhado do arquivo do passado. Os acontecimentos chegaram ao ponto de uma foz no que se chama secularismo. Mais uma vez o

Evangelho revive a experiência da limitação, do vazio deixaram de integrá-lo o eclesasticismo, a Bíblia como Palavra de Deus, os costumes de austeridade, a oração como tábuas de salvação nas aflições da vida. Agora chegou da Igreja a perder-se a velha dimensão de Evangelho — ela não mais é hierarquia eclesíastica, templo, concílios solidamente estratificados, no entanto para nós ela continua sendo uma comunidade informada, realmente um evento espiritual, mas... isso também não mais é relevante. A atomização ou dissiparidade do protestantismo chega ao estranho, o individualismo capitalista que ajudamos a gerar, a trazer à luz e a criar, volta-se contra cada um de nós e engole-nos. É tal a situação que marca fundo o nosso comportamento tornando-nos incoerentes. As opções para o empenho do talento humano e para seu entretenimento se multiplicaram muito — clube de cultura, de recreação, meios de distração outra, uma cadeia enorme de compromissos sociais, e descanso propiciado pela casa para quem se esfalfou no trabalho durante a semana, o fascínio do esporte rei em domingo de sol. Em fim a vida do homem, toda ela está agora na terra, e na terra a solução dos seus problemas, e na enciclopédia imensa do conhecimento científico estão todas as respostas para as nossas indagações. A nossa intimidade está toda ela devassada. Está em formação um símbolo da desintegração da vida privada do homem, e o símbolo disto será o conúbio sexual em público.

Digam os mais sensíveis e os mais inteligentes, os mais bem informados, os doutos desta congregação, (*) que há coisas lindas na vida dos homens modernos e conquistas admiráveis. Admito que sim, mas a relação deles com eles mesmos, a relação deles com as coisas, continua escurecida e confusa. Está tão evidente que o meu próximo é coisa para mim, e eu sou coisa para o outro. E este relacionamento enforma-se numa natureza sensual. Coisa para mim é o que inte-

(*) O autor está se dirigindo à comunidade de que é pastor — a Igreja Presbiteriana de Ipanema.

ressa ao meu bem, e o meu bem é poder, a segurança, a vaidade e a glotonaria psicológica. Leram o "Jornal do Brasil" de domingo passado (7-5-72) a respeito do interesse da criação de uma estrutura industrial bélica no Brasil com o fim de competir no mercado internacional? Estamos criando algo novo ou sucumbindo à imitação de outros países? Alguém esta preocupado de verdade com o genocídio da guerra suja no Vietnan (será que existiu alguma guerra limpa?) Com o sofrimento da guerra civil entre protestantes e católicos da Irlanda? Com a destruição da natureza sem a qual nenhum ser biológico pode sobreviver, especialmente o homem? O importante é que eu viva, ou melhor que eu sobreviva as guerras, as revoluções, à poluição, ao trânsito, à nossa organização econômica... o importante é que eu sobreviva.

Todas as mudanças ocorridas nas estruturas do cristianismo ao longo dos anos tem representado o esforço de adequação mais justa entre a fé e a vida dos homens. Todas as criações que assumiram nas consciências e nos corações das pessoas o lugar do Senhor e que se tornaram em distração do legítimo caminho de Cristo, foram contestadas, derubadas e modificadas pela pregação e pelo didaquê apostólicos, à semelhança do prefetismo do Velho Testamento. Pergunto: ainda não esgotamos toda a medida reformista, ainda não fomos suficientemente humilhados? Em que haveríamos de nos firmar como expressão do Evangelho se os dados teológicos fundamentais já não mais são válidos ou legítimos aos olhos da sociedade contemporânea? É, pois, o Evangelho um impasse?

O nivelamento na natureza humana por ora nos parece impossível. Porém, é provável que com o aperfeiçoamento das técnicas de propaganda e com um avanço fenomenal da ciência psicológica, venha a haver uma lavagem cerebral coletiva. Então, as posições que individualmente tomarmos, ou que um pequeno grupo, como esta comunidade tomar, venha a ter um valor categórico e universal desde que perfeitamente encaixado naquele interesse que manipule a sociedade nivelada. Por agora, ainda estou convencido, que há tantas sentenças

quantas cabeças, ainda há diversificação de sofrimentos, de ansiedades e de esperanças que não podemos dimensionar com tanta facilidade. Por isso, a minha tendência é que o Evangelho não é um impasse, mas um novo chamamento. O amor de Deus não é o meu conceito a seu respeito e muito menos apenas a minha visão de Evangelho, do meu evangelho para imitar São Paulo. O amor de Deus está dentro daquela linha de grandeza capaz de ser socorro bem presente na angústia do homem cético, do homem crédulo, do homem reformista, do homem conservador, do homem esclarecido, do homem supersticioso, do homem de bem, do homem marginal, do homem sectarista, do homem ecumenista, do homem retrógrado e do homem prá-frente.

Sinceramente, não vejo outros instrumentos de relacionamento entre nós e a grandeza desse amor senão a Bíblia como testemunho da Palavra de Deus, da oração como clamor do desesperado ou do crente, e da comunidade da fé. Ainda que para muitos não mais exista céu ou vida eterna, eles não podem prescindir destas cadeias que ainda podem prendê-los integralmente na vida.

Não consigo imaginar o Evangelho sem pregação, sem os sacramentos, sem a oração, sem a comunhão fraterna dos irmãos, sem a música que sensibilize a alma e não a entorpeça, e nem sem a fé em uma realidade mais alta e mais pura que o homem.

CONCLUSÃO

Tudo o que construímos, tudo em que pusemos a nossa confiança foi demolido e continua sendo. Por isso prefiro um caminho sereno. O espírito de Deus age, ninguém jamais pôde impedi-lo. Havemos de ficar a sós com Jesus Cristo, sem nada a nos amparar a não ser a sua própria presença. O mundo de hoje, e o de amanhã, é o mundo do homem, o mundo secular. Não sei muito bem, não posso prever o que o homem vai fazer com o seu mundo. Diante disso, para mim, o Evangelho é um novo chamamento para o Reino de Deus, ou melhor, para o mundo de Deus. Porventura o reino de Deus está fora do reino dos homens?